

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

Sao Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2013

Apresentação © Bruno Barretto Gomide, 2013

A FOTOCOPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA  
APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Bracher & Malta Produção Gráfica / Mariana Leme*

Revisão:

*Cide Piquet, Lucas Simone, Cecília Rosas,*

*Camila Boldrini, Nina Schipper*

1ª Edição - 2013

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte  
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Gomide, Bruno Barretto, 1972

G.734n Antologia do pensamento crítico russo  
(1802-1901) / organização, apresentação e notas de  
Bruno Barretto Gomide; tradução de Cecília Rosas  
e outros — São Paulo: Editora 34, 2013 (1ª Edição).  
608 p. (Coleção LESTE)

ISBN 978-85-7326-544-6

1. Ensaio russo. 2. História da literatura  
russa — século XIX. I. Título. II. Série.

CDD 891.74

## Aleksandr Púchkin

Aleksandr Serguêievitch Púchkin (1799-1837) tornou-se, muito jovem, a principal aposta da literatura russa moderna. De *primus inter pares* da cultura de corte de começos do século XIX, passou a mito de origem e ponto de referência da cultura russa, atualizado e remanejado por virtualmente todas as correntes intelectuais do país. Púchkin radicalizou o experimentalismo karamziniano em uma profusão de gêneros e formas, multiplicidade incrível que o lugar-comum descreve como “mozartiana”. É autor de obras fundamentais, como o romance em versos *Ievguêni Oniéguin*, o poema “O cavaleiro de bronze”, a novela *A filha do capitão*, além de contos extraordinários (reunidos, em sua maioria, em *A dama de espadas e outros contos*, desta editora). Púchkin foi também um ensaísta de respeito, apesar do aspecto fragmentário e diminuto da sua produção crítica. Contudo, como observa o russista William Mills Todd, a visada crítica de Púchkin localiza-se não apenas nos textos apresentados como tais, mas espalha-se por toda a sua obra, inclusive na sua correspondência e em textos ficcionais; de resto, o fragmento, em Púchkin, não indica uma limitação ou um bosquejo a ser substituído por um esquema mais encorpado, sendo ele próprio um sistema, que precisa ser fruído e estudado em si mesmo. A sua crítica literária mapeia as principais (e vertiginosas) alterações da vida cultural russa dos primeiros decênios do século: a chegada e adaptação dos novos modelos literários ingleses e alemães, em substituição parcial aos franceses; a transferência do cerne da vida literária, em sua produção e circulação, dos salões aristocráticos para o mercado editorial, e o concomitante surgimento da função “autor”; a crescente centralidade do jornalismo; o relativo ocaso da poesia, em prol da prosa; os debates sobre temas históricos e políticos. “Da insignificância da literatura russa”, de 1834, é parte de um ensaio mais amplo, que não chegou a ser escrito. Rascunhos desse texto maior indicam que Púchkin daria destaque à literatura surgida a partir do século XVIII: poetas e letrados como Kantemir, Derjavin, Lomonósov, Trediakóvski, Fonvizin e Sumarókov, e, na sequência, Karamzin e os jovens escritores contemporâneos.

## Da insignificância da literatura russa

A Rússia esteve alheia à Europa por muito tempo. Depois de receber a luz do cristianismo de Bizâncio, ela não participou nem das revoluções políticas, nem da atividade intelectual do mundo católico romano. O grande período do Renascimento não a influenciou de nenhuma maneira; a cavalaria não inspirou arroubos castos em nossos antepassados e os abalos benéficos produzidos pelas cruzadas não se refletiram nas terras do norte entorpecido... Um grande destino estava determinado para a Rússia... Suas planícies sem fim absorveram a força dos mongóis e detiveram sua invasão bem na fronteira da Europa; os bárbaros não ousaram deixar em sua retaguarda a Rus escravizada e voltaram para suas estepes orientais. O Iluminismo em formação foi salvo pela Rússia arrasada e destruída...<sup>1</sup> Poucado pela surpreendente sagacidade dos tártaros, o clero, sozinho — no decorrer de dois séculos sombrios — alimentou as pálidas centelhas da cultura bizantina. No silêncio dos mosteiros, os monges seguiam adiante, sem interrupção, com suas crônicas. Os bispos conversavam por epístolas com príncipes e boiardos, alegrando o coração em tempos árduos de provação e desesperança. Mas a vida interior do povo escravizado não se desenvolveu. Os tártaros não eram como os mouros. Ao conquistar a Rússia, não a presentearam nem com a álgebra, nem com Aristóteles. A derrubada do jugo, as brigas dos grão-príncipes com os feudos, do absolutismo com as cidades livres, da autocracia com os boiardos e dos conquistadores com a identidade nacional não favoreceram o livre desenvolvimento da Ilustração. A Europa foi inundada por uma extraordinária quantidade de poemas, lendas, sátiras, romances, mistérios etc., mas nossos arquivos e bibliotecas antigos, exceto pelas crônicas, não oferecem quase nada para alimentar a curiosidade dos exploradores. Al-

<sup>1</sup> E não pela Polônia, como ainda recentemente afirmavam revistas europeias; mas, em relação à Rússia, a Europa sempre foi tão ignorante quanto ingrata. (N. do A.)

guns contos de fadas e canções, incessantemente renovados pela tradição oral, conservaram traços de nacionalidade meio apagados, e o *Canto do exército de Igor* destaca-se como um monumento solitário no deserto de nossa literatura antiga.

Mas mesmo na época de tempestade e crises, tsares e boiardos concordavam em uma coisa: a necessidade de aproximar a Rússia da Europa. Daí a relação de Ivan Vassílievitch com a Inglaterra, a correspondência de Godunov com a Dinamarca, as condições oferecidas ao príncipe polonês pela aristocracia do século XVII,<sup>2</sup> as embaixadas de Aleksei Mikháilovitch... Por fim, apareceu Pedro.

A Rússia entrou na Europa como um navio lançado às águas, com um golpe de machado e estrondo de canhões. Mas as guerras empreendidas por Pedro, o Grande foram benéficas e fecundas. O sucesso da transformação nacional foi consequência da batalha de Poltava,<sup>3</sup> e a ilustração europeia atracou às margens do Nievá conquistado.

Pedro não conseguiu terminar muito do que começou. Morreu em tempos de bravura, em plena atividade criativa. Ele lançou sobre a literatura um olhar desatento, porém penetrante. Elevou Feofan,<sup>4</sup> incentivou Kopiévitch,<sup>5</sup> antipatizou com Tatíschev<sup>6</sup> por sua frivolidade e seu livre-pensamento, reconheceu um *eterno trabalhador* no pobre colegial Trediakóvski.<sup>7</sup> As sementes estavam plantadas. O filho de um senhor moldavo se criou em suas campanhas,<sup>8</sup> e um filho de pescador de Kholmogor,

---

<sup>2</sup> Em 1605, em meio à crise sucessória russa, Vladislau, filho do rei polonês Sigismundo III, reivindicou a coroa, obtendo apoio de parte da população de Moscou. Estes, em troca, exigiam que o postulante se comprometesse a manter a religião ortodoxa e a garantir certos privilégios aos moscovitas. (N. da T.)

<sup>3</sup> Maior batalha da Grande Guerra do Norte, travada entre a Suécia e a Rússia. Esta saiu vitoriosa e obteve diversos ganhos territoriais, especialmente no mar Báltico. (N. da T.)

<sup>4</sup> Feofan Prokopóvitch (1681-1736), bispo ortodoxo, conselheiro de Pedro e criador do Santo Sínodo, órgão que submetia a Igreja ao Estado no Império Russo. (N. da T.)

<sup>5</sup> Iliá Fiódorovitch Kopiévitch (1651-1714), poeta e editor russo. (N. da T.)

<sup>6</sup> Vassili Nikítitch Tatíschev (1686-1750), historiador russo. (N. da T.)

<sup>7</sup> Vassili Kirílovitch Trediakóvski (1703-1769), famoso poeta russo do século XVIII. (N. da T.)

<sup>8</sup> Referência a Antiokh Kantemir, poeta e diplomata, filho do líder moldavo Dmitri Kantemir (1673-1723). (N. da T.)

fugido das margens do Mar Branco, bateu nos portões da escola Zaikonospáski.<sup>9</sup> Uma nova literatura, fruto de uma nova forma de sociedade, devia nascer em breve.

No começo do século XVIII, a literatura francesa dominou a Europa. Ela teria uma influência longa e decisiva sobre a Rússia. Antes de mais nada, precisamos examiná-la.

Se consideramos a infinidade de pequenos poemas, baladas, rondós, virelais, sonetos e poemas alegóricos e satíricos, romances de cavalaria, contos de fadas, *fabliaux*, mistérios etc. que inundaram a França no início do século XVII, é impossível não reconhecer a estéril nulidade dessa abundância ilusória. Uma dificuldade habilmente vencida, uma repetição escolhida com felicidade, uma expressão executada com leveza, uma brincadeira ingênua, uma máxima sincera — são raras recompensas para o explorador cansado.

A poesia romântica florescia com pompa e majestade por toda a Europa. A Alemanha há tempos tinha seu *Nibelungo*, a Itália — seu poema triplo, Portugal — *Os lusíadas*, Espanha — Lope de Vega, Calderón e Cervantes, Inglaterra — Shakespeare, e, entre os franceses, Villon cantava tavernas e forcas em canções obscenas e foi considerado o primeiro poeta nacional! Seu sucessor, Marot,<sup>10</sup> que viveu na mesma época que Ariosto e Camões,

*rima des triolets, fit fleurir la ballade.*<sup>11</sup>

A prosa já tinha preponderância definitiva. O cético Montaigne e o cínico Rabelais eram contemporâneos de Tasso.

As pessoas dotadas de talento, surpresas com a insignificância e, é preciso dizer, *baixeza* da poesia francesa, inventaram que a culpa era da pobreza da língua e começaram a tentar recriá-la segundo o modelo do grego antigo. Formou-se uma nova escola, cuja opinião, objetivo e esforços fazem lembrar a escola de nosso eslavo antigo, na qual também havia pessoas talentosas. Mas os esforços de Ronsard, Jodelle e Du

---

<sup>9</sup> Referência a Mikhail Lomonósov. (N. da T.)

<sup>10</sup> Clément Marot (1496-1544), poeta francês. (N. da T.)

<sup>11</sup> Em francês, no original: “fez florescer as baladas, compôs triolés”. Nicolas Boileau-Despréaux, *A arte poética*, tradução de Célia Berrettini, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 19. (N. da T.)

em vão. A língua se recusou a tomar uma direção que lhe  
ovamente seguiu seu caminho.

o Malherbe,<sup>13</sup> avaliado com tão brilhante precisão e tão  
o pelo grande crítico.

*Malherbe vint et le premier en France  
tir dans les vers une juste cadence,  
not mis en sa place enseigne le pouvoir  
uisit la Muse aux règles du devoir.  
sage écrivain la langue réparée  
t plus rien de rude à l'oreille épurée.  
nces avec grâce apprirent à tomber  
ers sur le vers n'osa plus enjamber.*<sup>14</sup>

erbe está esquecido hoje em dia, assim como Ronsard,  
os que esgotaram suas forças no aperfeiçoamento da poe-  
estino à espera de escritores que cuidam mais das formas  
vra dos que das ideias, que, independentemente da forma  
o sua verdadeira vida!

rodígio, em meio a esta lamentável insignificância — à  
autênticos e à inconsistência de opiniões, em meio à de-  
o bom gosto —, apareceu de repente a multidão de ver-  
es escritores que cobriu de tanto brilho o fim do século  
nerosidade política do cardeal Richelieu, seria o patrocí-  
Luís XIV a razão de tal fenômeno? Ou cada povo tem

onsard (1524-1585), Joachim Du Bellay (1522-1560), poetas france-  
le (1532-1573), poeta e dramaturgo, integraram a *Pléiade*, grupo de  
ça francesa. (N. da T.)

Malherbe (1555-1628), poeta francês, foi um importante reformador  
m seu país. (N. da T.)

Malherbe e este foi o primeiro que, na França,/ fez sentir nos versos  
/ ensinou o poder de uma palavra posta em seu devido lugar,/ e redu-  
as do dever./ A língua, assim reparada por este sábio escritor,/ nada  
de aos ouvidos depurados. As estrofes aprenderam a cair com graça,/  
ousou encavalar em outro verso.” *Idem, ibidem*. (N. da T.)

Aleksandr Púchkin

Bellay<sup>12</sup> foram em vão. A língua se recusou a tomar uma direção que lhe era estranha e novamente seguiu seu caminho.

Por fim, veio Malherbe,<sup>13</sup> avaliado com tão brilhante precisão e tão rigorosa exatidão pelo grande crítico.

*Enfin Malherbe vint et le premier en France  
Fit sentir dans les vers une juste cadence,  
D'un mot mis en sa place enseigne le pouvoir  
Et réduisit la Muse aux règles du devoir.  
Par ce sage écrivain la langue réparée  
N'offrit plus rien de rude à l'oreille épurée.  
Les stances avec grâce apprirent à tomber  
Et le vers sur le vers n'osa plus enjamber.<sup>14</sup>*

Mas Malherbe está esquecido hoje em dia, assim como Ronsard, estes dois talentos que esgotaram suas forças no aperfeiçoamento da poesia... Este é o destino à espera de escritores que cuidam mais das formas externas da palavra dos que das ideias, que, independentemente da forma de aplicação, são sua verdadeira vida!

Por qual prodígio, em meio a esta lamentável insignificância — à falta de críticos autênticos e à inconsistência de opiniões, em meio à decadência geral do bom gosto —, apareceu de repente a multidão de verdadeiros grandes escritores que cobriu de tanto brilho o fim do século XVII? Seria a generosidade política do cardeal Richelieu, seria o patrocínio vaidoso de Luís XIV a razão de tal fenômeno? Ou cada povo tem

---

<sup>12</sup> Pierre de Ronsard (1524-1585), Joachim Du Bellay (1522-1560), poetas franceses, e Étienne Jodelle (1532-1573), poeta e dramaturgo, integraram a *Pléiade*, grupo de poetas da Renascença francesa. (N. da T.)

<sup>13</sup> François de Malherbe (1555-1628), poeta francês, foi um importante reformador da língua poética em seu país. (N. da T.)

<sup>14</sup> “Veio enfim Malherbe e este foi o primeiro que, na França,/ fez sentir nos versos uma cadência justa,/ ensinou o poder de uma palavra posta em seu devido lugar,/ e reduziu a musa às regras do dever./ A língua, assim reparada por este sábio escritor,/ nada mais ofereceu de rude aos ouvidos depurados. As estrofes aprenderam a cair com graça,/ e o verso não mais ousou encavalar em outro verso.” *Idem, ibidem.* (N. da T.)

uma época premeditada pelo destino em que de repente uma constelação de gênios aparece, brilha e some?... Seja como for, dentre a multidão de poetas sem talento, medíocres ou sem sucesso da época da velha poesia francesa, imediatamente se sobressaem **Corneille**, Boileau, Racine, Molière e La Fontaine, Pascal, Bossuet e Fénelon.<sup>15</sup> E seu domínio sobre a vida intelectual do mundo ilustrado é bem mais fácil de explicar do que sua aparição inesperada.

No caso de outros povos europeus, existia uma poesia antes da aparição dos gênios imortais que ofereceram suas grandes obras à humanidade. Estes gênios seguiram um caminho já aberto. Mas a elevada inteligência da França do século XVII surpreendeu a poesia nacional ainda de fraldas, desdenhou de sua fraqueza e voltou-se para os modelos da antiguidade clássica. Boileau, poeta dotado de vigoroso talento e viva inteligência, publicou seu código e a literatura submeteu-se a ele. O velho Corneille ficou sozinho como representante da tragédia romântica que com tanta glória levava ao palco francês.

Apesar de sua aparente insignificância, Richelieu sentia a importância da literatura. O grande homem que humilhou o feudalismo na França quis igualmente estabelecer uma ligação com a literatura. Os escritores (uma classe pobre, insolente e zombeteira na França) foram chamados à corte e passaram a receber uma pensão como os nobres. Luís XIV seguiu o sistema do cardeal. Logo a literatura se concentrou ao redor de seu trono. Todos os escritores receberam uma função. Corneille e Racine divertiam o rei com tragédias encomendadas, o historiógrafo Boileau cantava suas vitórias e indicava a ele escritores dignos de sua atenção, o camareiro Molière ria da vida da corte diante dos nobres. A Academia ditou a primeira regra de seu estatuto: louvar o grande rei. Houve exceções: um nobre sem dinheiro (apesar da religiosidade dominante) publicou na Holanda seus alegres contos sobre freiras, e um bispo de fala melíflua incluiu, em um livro cheio de filosofia ousada, uma sátira mordaz ao famoso reinado... Por isso, La Fontaine morreu sem pensão e Fénelon terminou os dias em sua diocese, afastado da corte por heresia mística.

Daqui surge uma literatura cortês e refinada, brilhante e aristocrática, um pouco amaneirada, mas por isso mesmo compreensível para

<sup>15</sup> Jacques Bénigne Bossuet (1627-1704), escritor francês. François Fénelon (1651-1715), teólogo e escritor francês. (N. da T.)

todas as cortes do continente, pois a mais alta sociedade, como notou com justiça um dos novos escritores, forma uma só família em toda a Europa.

Enquanto isso, o grande século passou. Luís XIV morreu, depois de durar mais do que sua glória pessoal e a de sua geração. Novas ideias e uma nova corrente se refletiram nas mentes ansiosas por novidades. Um espírito de exploração e reprimenda começou a manifestar-se na França. As mentes, desprezando as flores da literatura e os nobres jogos de imaginação, se prepararam para o predestinado século XVIII...

Nada podia ser mais oposta à poesia do que a filosofia que recebeu o nome do século XVIII. Ela estava orientada contra a religião dominante, eterna fonte de poesia para todos os povos, e suas armas preferidas eram uma ironia fria e cautelosa e um escárnio raivoso e grosseiro. Voltaire, gigante de sua época, dominou o verso como uma importante esfera da atividade intelectual humana. Ele escreveu uma epopeia com intenção de difamar o catolicismo. Por sessenta anos, encheu o teatro de tragédias nas quais, sem se preocupar com a verossimilhança dos personagens, nem com a legitimidade dos meios, obrigou suas criações a expressar as regras de sua filosofia, com ou sem propósito. Ele inundou Paris de ninharias encantadoras, nas quais a filosofia falava uma língua compreensível e brincalhona, distinta da prosa somente pelo metro e rima, e essa leveza parecia o auge da poesia; por fim, uma vez em sua vida, tornou-se poeta, quando todo seu gênio destrutivo manifestou-se com total liberdade em um poema cínico no qual todos os sentimentos elevados e estimados pela humanidade foram sacrificados em honra ao demônio do riso e da ironia, a antiguidade grega, ridicularizada e os dois sagrados Testamentos, insultados...

A influência de Voltaire foi incrível. Os traços da *Grande Époque* (como os franceses chamam a época de Luís XIV) desaparecem. A poesia, esgotada, se transforma em jogos pedantes de engenhosidade; o romance se torna um sermão aborrecido ou uma galeria de quadros lascivos.

Todas as mentes elevadas seguem Voltaire. O sonhador Rousseau se proclama seu discípulo; o impetuoso Diderot é o mais zeloso de seus apóstolos. A Inglaterra, nas figuras de Hume, Gibbon e Walpole,<sup>16</sup> saúda a

---

<sup>16</sup> David Hume (1711-1776), filósofo escocês. Edward Gibbon (1737-1794), historiador inglês. Horace Walpole (1717-1797), escritor inglês. (N. da T.)

*Enciclopédia*. A Europa vai a **Ferney** em adoração.<sup>17</sup> Catarina mantém com ele uma correspondência amistosa. Frederico briga e se reconcilia com ele.<sup>18</sup> A sociedade está cativada pelo autor. Por fim, Voltaire morre em Paris, abençoando os descendentes de Franklin e saudando o Novo Mundo com palavras até então inauditas!...

A morte de Voltaire não interrompeu o fluxo. Os ministros de Luís XVI descem à arena com os escritores. Beaumarchais<sup>19</sup> se arrasta em cena, despe e atormenta todos os que ainda se consideram imunes. A velha monarquia gargalha e aplaude.

A velha sociedade está madura para a grande destruição. Tudo ainda está tranquilo, mas a voz do jovem Mirabeau, como uma tempestade distante, ecoa surdamente do fundo das masmorras pelas quais erra.

A Europa, aturdida e encantada com a glória dos escritores franceses, dirige a eles uma atenção servil. Os professores alemães, da altura de suas cátedras, proclamam as regras da crítica francesa. A Inglaterra segue a França no campo da filosofia, Richardson,<sup>20</sup> Fielding e Sterne sustentam a honra do romance em prosa. A poesia na pátria de Shakespeare e Milton torna-se seca e insignificante, o que também acontece na França; a Itália renega o gênio Dante, Metastasio<sup>21</sup> imita Racine.

Voltemos à Rússia.

(1834)

*Tradução de Cecília Rosas*

<sup>17</sup> Cidade onde vivia Voltaire. (N. da T.)

<sup>18</sup> Frederico, o Grande, rei da Prússia, manteve uma amizade com Voltaire por muitos anos. (N. da T.)

<sup>19</sup> Pierre Beaumarchais (1732-1799), dramaturgo francês, era um crítico ferrenho da sociedade francesa no Antigo Regime. (N. da T.)

<sup>20</sup> Samuel Richardson (1689-1761), escritor inglês. (N. da T.)

<sup>21</sup> Metastasio, pseudônimo de Pietro Antonio Domenico Trapassi (1698-1782), poeta e libretista italiano. (N. da T.)